

## “UMA REDE JOGADA NO MAR”: EXERCÍCIOS COM IMAGENS DA GLOBALIZAÇÃO

*“A fishing net thrown into the sea”: exercises with images of globalization*

Willian Sartor Preve<sup>1</sup>  
Ana Maria Hoepers Preve<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto apresenta e discute os resultados de exercícios realizados com alunos de uma escola, pacientes de um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico e idosos. O objetivo desses exercícios foi deslocar quatro imagens escolares da globalização para contextos diferenciados, criando condições para o esgotamento de suas possibilidades, conforme a noção de “esgotamento” em Deleuze. O ponto de partida foi expor as imagens, cobrindo seus títulos e legendas (molduras), e perguntar: O que você vê quando olha para esta imagem? Considerando Oliveira Jr., Girardi e Massey, entendemos que as imagens criam realidades e sua repetição influencia nossa concepção de espaço. Os resultados deste trabalho mostram que as molduras, mesmo cobertas, continuavam ativas na escola. Os resultados também indicaram que o afastamento do contexto da escola/escolarização ampliou a potência de esgotamento e a abertura ao desconhecido, como ficou perceptível em algumas respostas dos idosos e dos pacientes internos.

**Palavras-chave:** Educação em Geografia. Imagens da globalização. Esgotamento.

1 Graduando em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e pesquisador da rede internacional “Imagens, Geografia e Educação” ([www.geoimagens.net](http://www.geoimagens.net)). [williansartor@gmail.com](mailto:williansartor@gmail.com).

✉ Centro de Ciências Humanas e da Educação, Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, Florianópolis, SC. 88035-901.

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora no Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e pesquisadora da rede internacional “Imagens, Geografia e Educação” ([www.geoimagens.net](http://www.geoimagens.net)). [anamariapreve@gmail.com](mailto:anamariapreve@gmail.com).

✉ Centro de Ciências Humanas e da Educação, Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, Florianópolis, SC. 88035-901.

### ABSTRACT

This text presents and discusses the results of exercises performed with students of a school, inpatients of a hospital of custody and psychiatric treatment and elderly people. The purpose of these exercises was to displace four school images of globalization to different contexts, creating conditions for the exhaustion of their possibilities, according to Deleuze’s concept of “exhaustion”. We have exposed the images, covering their titles and captions (frames), and we asked: What do you see when you look at this image? Considering Oliveira Jr., Girardi and Massey, we understand that images create realities and their repetition influences our conception of space. The results of this work show that frames, even covered, were still active in school. The results also indicated that the distance from the school context increased the power of exhaustion and the openness to the unknown, as it was observed in some answers of elderly people and in patients.

**Keywords:** Education in Geography. Images of globalization. Exhaustion.

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

## PREPARANDO O EXERCÍCIO

A investigação de imagens e de termos recorrentes em relação à globalização, presentes em duas coleções de livros didáticos do Ensino Médio, que realizamos recentemente (PREVE; PREVE, 2017), mostrou-nos que há, pelo menos, dois estereótipos imagéticos quando se aborda esse tema: aquele das imagens de satélite que apresentam a Terra conectada por cabos e linhas que constituem os principais fluxos globais (Figura 1) e aquele que apresenta o globo terrestre coberto pelos logotipos das maiores transnacionais (Figura 2). Dessa forma selecionamos outras duas imagens destes livros para, junto àquelas, comporem o material a ser utilizado em um exercício com três grupos, diferenciados por seus contextos sociais e por seus níveis de escolarização: alunos de uma escola, pacientes internos de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) e um pequeno grupo de idosos.

O exercício teve como objetivo deslocar aquelas imagens do seu contexto didático e criar condições para o esgotamento de suas possibilidades. Retiramos seus títulos e suas legendas (ou seja, as molduras didáticas que as enquadravam), uma vez que, enquadradas por tais molduras, suas potências eram reduzidas ao ato de comunicar (sentidos previamente estabelecidos) e esgotá-las demandava ir além disso. Apostamos, assim, em um mecanismo criador de realidades com as imagens (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011) e, por isso, apagar as molduras foi uma decisão para levarmos as imagens a um deslocamento criador.

O encontro com as imagens dava-se no ato comum de olhá-las sempre na mesma sequência e com as legendas e os títulos cobertos por tarjas pretas. Além disso, uma pergunta, a qual deveria ser respondida, mediou o olhar dos participantes: “O que você vê quando

olha para esta imagem?”. Tomamos as imagens, articuladas a essa pergunta, como disparadoras e criadoras do que aconteceria no exercício, deixamos que elas conduzissem e criassem um percurso de produção de saberes.

Com os alunos da escola da rede pública estadual, localizada em Florianópolis, assim como no hospital, esse exercício era parte inicial de uma série de oficinas em geografia, para a qual dispúnhamos também de outros materiais como *datashow*, *notebook*, *slides* com as imagens, folhas de papel em branco, revistas, jornais, canetas e lápis. Com os idosos o arranjo era outro: trataram-se de conversas individuais acerca das imagens, um total de sete, que foram realizadas em suas próprias casas, localizadas em um pequeno município do interior de Santa Catarina. Neste cenário, dispúnhamos das imagens impressas, um caderno de anotações, caneta e celular com função de gravador.

Na escola, o exercício foi realizado com o nono ano do ensino fundamental e com o primeiro, o segundo e o terceiro ano do ensino médio, sendo importante destacar que em todas as turmas o tema da globalização já havia sido abordado. No grupo dos idosos nenhum deles havia cursado além do terceiro ano primário. Dos sete participantes apenas um tinha 65 anos, os demais tinham mais de 75 anos. Por sua vez, com os internos do HCTP, a variação de idade era maior, entre 25 a 50 anos, tendo participado cerca de oito pessoas com nível de escolaridade também variado, incluindo-se desde alguns que não tiveram acesso à escola até aqueles que haviam cursado uma pequena parte do ensino fundamental e um deles que havia cursado Física na universidade.

Este texto tem o intuito de apresentar e discutir os resultados desse exercício de deslocamento das imagens de seu contexto didático, espacial e temporal como meio de criar condições para o esgotamento

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

de suas possibilidades. Os resultados apresentados no texto têm a ver com os encontros feitos pelas imagens no seu deslocamento. Tal aposta de deslocamento dá-se pela possibilidade de abriremos brechas na imagem para o ato de invenção, a qual requer um acolhimento do pesquisador para o que não estava previsto, para lidar com o quinhão de virtualidade que toda imagem, toda situação, todo fenômeno e todo encontro carrega.

Partimos da ideia de que as imagens e as palavras, ao se repetirem exaustivamente, sustentam uma compreensão deste tema e do modo como pensamos o espaço. Doreen Massey (2008, p. 125) afirma que a globalização é “um dos termos mais frequentemente usados e mais poderosos em nossas imaginações geográficas e sociais” e que apela, por vezes, para uma visão de espaço livre e de mobilidade sem obstáculos, repetida quase como um mantra. Para a autora, esse mantra atual da globalização, defendido sobretudo por países do Norte (geopolítico) e por instituições financeiras, tem como fundamento uma imaginação geográfica de um espaço livre, organizado por fluxos, em que não existe barreiras à mobilidade. Essa imaginação geográfica atua na maneira em que o mundo é projetado e construído (MASSEY, 2008). Oliveira Jr. (2015) diz que a sensação de realidade pode se instalar por uma espécie de *déjà-vu*, resultado da constante repetição das mesmas imagens e dos mesmos conteúdos. Ao pré-determinar o modo de olhar uma imagem e constituir um tema, essa repetição restringe as possibilidades tanto das imagens quanto do mundo e do espaço.

#### DA POTÊNCIA DE ESGOTAR

Os exercícios que compõem esse texto seguiram certo modo de fazer pesquisa em educação que Corrêa (2000) ligou à oficina: uma

prática atenta à produção de seus dados, definindo-se pela maneira de produzi-los. Nessa perspectiva, a oficina e os exercícios ocupam-se com a produção de um pensamento próprio à conexão dada nos encontros. Os dados que apresentamos neste texto são produzidos nos encontros e não coletados prontos (ou supostos previamente), portanto, são singulares em sua expressão. Essa singularidade expressiva, nos exercícios, tem a ver com o que poderíamos chamar de uma potência de esgotamento das imagens.

Deleuze (2005) desenvolve o conceito de esgotamento a partir da leitura das peças de Samuel Beckett, escritor e novelista irlandês de meados do século XX, distinguindo, para isso, cansaço e esgotamento. Para o autor,

O esgotado é muito mais do que o cansado. “Não é apenas cansaço, não estou mais apenas cansado, apesar da subida”. [...] O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. [...] [no esgotamento] combinam-se variáveis de uma situação, sob a condição de renunciar a qualquer ordem de preferência e a qualquer organização em torno de um objetivo, a qualquer significação (DELEUZE, 2005, p. 229-230).

Podemos dizer que o esgotamento vai além do cansaço, pois segundo Deleuze (2005), o cansado realiza apenas os possíveis dados *a priori* (com objetivos conhecidos), permanecendo em uma repetição do que já se sabe. O esgotado ao renunciar os objetivos e preferências cria situações, que por sua vez consomem/esgotam os possíveis. Trabalhar com as imagens e a noção de esgotamento é poder realizar com elas um além do que está dado e repetido *ad nauseam* didaticamente. Para o autor o que importa não é o conteúdo enquadrado pela imagem, mas a energia que se consegue capturar no encontro: “[...] podem elas [referindo-se à arte, a pintura e a música] ter outra finalidade, ainda

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

que o conteúdo da imagem seja bastante pobre, bastante medíocre?”  
(DELEUZE, 2005, p. 240).

É que a imagem não se define pelo sublime do seu conteúdo, mas por sua forma, isto é, por sua “tensão interna”, ou pela força que ela mobiliza para produzir o vazio ou fazer buracos, afrouxar o torniquete das palavras, secar a ressudação das vozes, para se desprender da memória e da razão, pequena imagem alógica, amnésica [...] A imagem não é um objeto, mas um “processo”. Não se sabe a potência de tais imagens, por mais simples que sejam do ponto de vista do objeto (DELEUZE, 2005, p. 241).

Nos exercícios propostos, o encontro com as imagens tentava liberá-las das palavras e frases (legendas e títulos) que as aprisionam a um “olhar” cansado (com objetivos já definidos), percebendo em que medida as respostas dos participantes eram capturadas pelo tema globalização e/ou no plano da representação: “tal imagem mostra os efeitos da globalização”, ou ainda, “é uma imagem da Terra”. Assim, ao buscar liberar essas imagens do aprisionamento de suas potências, possibilitando também o esvaziamento de seu caráter informacional (imagem como suporte da explicação de um conteúdo), os exercícios intentaram permitir outra relação com o tema escolhido e uma experiência/experimentação nossa, os sujeitos que propunham o exercício. Segundo Larrosa (2014), o sujeito que se dispõe a experimentar expõe-se ao desconhecido e assim se abre ao novo, não podendo permanecer sempre seguro de si mesmo, estando em formação e transformação.

Desta forma, podemos dizer que os exercícios, na mesma medida em que propunham explorar as potências do esgotamento das imagens, implicavam uma exposição dos pesquisadores ao desconhecido e uma formação/transformação nossa.

## O QUE SE VÊ QUANDO SE OLHA

Elaboramos a seguir o resultado dos exercícios com as imagens da globalização. Tais resultados mostram a repetição de determinados padrões de resposta dada pelos participantes, bem como algumas variações e desvios desses padrões. Os alunos escreveram palavras ou frases, os idosos e os pacientes internos falaram. Tais falas foram gravadas e transcritas. Gostaríamos de enfatizar a difícil tarefa de lidar com o que se vê quando se olha, já que o leitor irá se deparar, nesta seção, com blocos de respostas variadas para cada grupo de participantes. As respostas são destacadas em negrito e os pontos e vírgulas separam uma fala de outra, assim como nossas intervenções nas respostas (comentários e perguntas) são destacadas em itálico.

### IMAGEM UM OU DOS FLUXOS GLOBAIS

#### *Alunos*

Um silêncio se fez ao olharem para esta primeira imagem. Dava para ver a expressão de dúvida nos rostos de alguns dos alunos. Assim começava o exercício na oficina, com a exibição demorada de cada uma das imagens no *datashow*. Parecia que aquelas imagens caíam de paraquedas, como se fossem algo muito estranho ao encontro. O estranhamento dava-se por estarem sem legendas e fora da sequência de conteúdos de geografia, embora o espaço escolar que utilizávamos era o da disciplina de Geografia<sup>3</sup>. Aos poucos e com nossas explicações

<sup>3</sup> Espaço este cedido pelo Prof. de Geografia para que fizéssemos as oficinas com o intuito de trabalhar a globalização na atualidade.

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve



**Figura 1** – Imagem um ou dos fluxos globais.  
 Fonte: Adaptado de Lucci; Branco; Mendonça (2013).

sobre a possibilidade de se olhar para as imagens sem buscar uma resposta certa, criou-se no grupo um pouco mais de tranquilidade para o exercício de vê-las:

**Eu vejo o mundo; Continentes; Terra; Planeta Terra; Um planeta que sofre atualmente; Mapa-múndi; Mapa do mundo; Um mapa do mundo sem legenda; Um mapa (planeta) que está sendo dividido por linhas imaginárias; Um mapa dividido por regiões; Mapa do mundo com várias rotas de algum transporte; Vejo as ligações do mundo e percebo que mesmo sem estar perto estamos todos ligados; Os países estão sempre interligados; Mapa das linhas aéreas; Um mundo totalmente conectado; O mundo globalizado; Globalização/Compartilhamento de culturas; Trajetórias de navios pelo mundo; Rotas de transporte; Bom, de primeira, eu via algo como montanhas de**

**cabeça para baixo ou relacionado à eletricidade, mas depois comecei a ver um mapa geográfico; A luz em cima da África é mais forte e parece se espalhar pelo mundo; Vejo linhas de energia; O planeta coberto por alguns raios de luz sobre ele; Parecem caminhos de luz no mundo; Mundo se partindo; Eu vejo o planeta Terra planejado com trovões.**

#### *Pacientes internos*

Sem muita demora e sem preocupação com o certo e o com errado, os pacientes internos apresentavam mais tranquilidade para olhar nossas imagens. O grupo era pequeno, estávamos em oito. Fizeram um pouco de silêncio e logo arriscaram dizer algo:

**Eu vi relâmpago; Eu vi um clarão; Eu vi uma luz brilhando; Eu vi o oceano, é o oceano Atlântico, oceano Pacífico ou Índico esse do Brasil? É o Atlântico. Ah, é, o mesmo lá da Ilha do Mel, já fui lá; É a Terra, É a Terra; Terra; Brasil; Eu estou vendo os meridianos. Aqui os polos**

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

**achatados da Terra; Tem como tirar foto da Terra? Sim, há satélites que ficam girando ao redor da terra e fazem as “fotos”; Raios de Sol; Tem a ver com tecnologia.**

*Idosos*

Para os idosos, as luzes e os trovões vistos pelos alunos e pacientes, transformaram-se em fruta, em teia de aranha e em outras coisas um pouco estranhas a nós. Cada um no seu tempo olhava, parava e pensava mais demoradamente que os grupos anteriores:

**Eu vejo um negócio meio estranho [...]. Talvez algo da Natureza, tem uma parte do mundo aqui (apontando para os continentes), com esses riscos, como eu vou te dizer, talvez sejam vendavais. [...] O que eu vejo é isso: um mapa, com uma parte do Brasil, e aí fora disso aqui você vê esses riscos, com cores estranhas. Parece terremoto, furacão, vendavais, essas coisas estranhas da natureza; Parece uma teia de aranha, ou um animal talvez? Não sei; Uns morros, umas montanhas com umas pedras. Não sei o que são esses riscos, parece que isso (apontando para os oceanos) é o chão, né?; Eu vejo uma folha verde riscada; Eu vejo uma fotografia aqui, mas eu não entendo se é uma fruta ou uma pastagem. É meio parecido com umas frutas. É isso que eu vejo. E onde estariam as frutas aqui? Mais parecido com uma fruta pendurada (apontou para a África); É difícil, hein? (longa pausa). Me parece uma rede, mas não é... (Duvidando do que via). O que te faz ver uma rede? Uma rede assim jogada no mar<sup>4</sup>. E por quê? Porque ela tem um jeito de ser rede. Acho que jogaram ela assim, né? (gesticulou como jogar a rede e apontou para os fluxos no Hemisfério Norte); Meu Deus! (pausa), eu me lembrei de uma coisa de Florianópolis. Uma praia. O morro das Pedras.**

<sup>4</sup> Esta resposta inspira o título deste artigo.

## IMAGEM DOIS OU DAS TRANSNACIONAIS

*Alunos*

Com esta segunda imagem o exercício seguia mais solto. As expressões faciais de dúvida pareciam mais aliviadas e o exercício de olhar as imagens também (**Ah! Essas marcas eu conheço**).

**O planeta terra e as empresas mais conhecidas; Eu vejo o planeta Terra; Marcas famosas e o planeta Terra; O mundo das marcas; Eu vejo marcas de carros; Multinacionais; As marcas e mercadorias estão em todo o mundo; Planeta conectado por várias marcas; Eu vejo o planeta Terra envolvido na globalização com várias lojas, várias marcas espalhadas pelo mundo; Globalização, um mundo ligado por grandes marcas; Globalização/compartilhamento de**



Figura 2 – Imagem dois ou das transnacionais.  
 Fonte: Adaptado de Sene; Moreira (2015).

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

culturas, informações; Um mundo de propagandas; Eu vejo um mundo capitalista onde as pessoas possuem uma ambição, chamada “dinheiro”; Eu vejo um mundo evoluído, modernizado; Mapa de várias marcas; Um globo com várias marcas de várias coisas (tênis, carro, comida) em volta como se fosse uma proteção; A interface do Windows; Capitalismo mundial; Eu imagino um mundo tecnológico e de robôs que convivem com os humanos no mundo moderno.

*Pacientes internos*

Aqui, uma frase bastou-lhes para dizer da imagem: **São as tecnologias que movem o mundo.**

*Idosos*

Com os idosos, a feição arredondada da imagem se transformou em diversos astros celestes, em painel de propaganda e até em uma fala sobre a situação dos trabalhadores no mundo.

Parece um painel de propaganda; Eu olho o Sol, eu olho a Lua, que têm uma imagem redonda, mas aqui dentro tem tanta coisa...; Isso aqui é o Globo (pausa). Mas isso tudo é em inglês (apontando para os ícones). Gerdau, essa aqui é nacional. Tem a Sony. Dá a impressão, no meu ponto de vista, que essas são as empresas que vão mandar nesse globo todo. Mas é isso que eu posso te dizer, as empresas que dominam o globo e o coitado do trabalhador brasileiro, americano, inglês, aguentando o repuxo; Eu vejo tanto brinquedo aqui (pausa). Umhas marcas, que para mim é um desenho. Tá escrito dentro, mas a minha cabeça não junta tudo para dizer o que é; Representa o Sol. Representa aqui uma parte do Brasil (apontando para a América

do Sul). *E o que te faz ver o sol? Porque eu acho que isso aqui é um brilho do sol (a cor amarelada do continente). Meu Deus! Eu não sei, é muito difícil; Parece o sol.*

### IMAGEM TRÊS OU DO NÚMERO DE DATA CENTERS

*Alunos*

Aqui novamente as expressões de dúvida e um silêncio mais longo. Pareciam não saber por onde começar a olhar, o que olhar. De repente uns começam por tentar decifrar as feições básicas da imagem e outros se aventuraram pelo desconhecido.

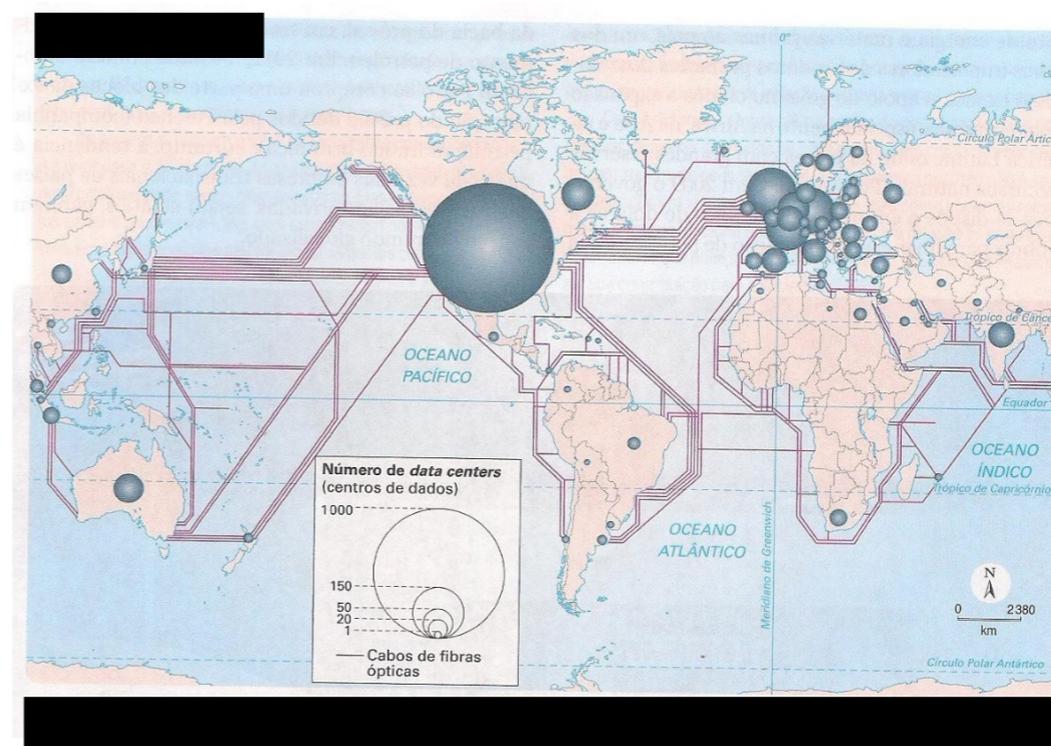


Figura 3 – Imagem três ou do número de data centers.  
 Fonte: Adaptado de Sene; Moreira (2015).

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

**Não entendo nada; Círculos, linhas e países; O mapa-múndi cheio de bolinhas; Mapa com bolinhas; Bactérias se espalhando pelo mundo; Tecnologia; Eu vejo uma rede de fibra óptica de internet ligada ao mundo; Um mapa do mundo com dados e cabos de fibra óptica; Cabos que ligam os países; Cabos ligados para internet e energia; Os países são ligados pela tecnologia; Dados dos países, ou que os EUA tem o maior centro de dados do mundo, ele é centro; Países se interligando com cabos de fibra óptica; A influência dos EUA sobre o mundo. Identifico que os EUA lidera a imagem, junto com a Europa; Informação compartilhada mundialmente; O mundo como um quebra cabeça que já foi montado e hoje em dia está separado; Vejo alguns buracos negros atacando a Terra; Eu vejo o mundo como se fosse um computador, como se os continentes fossem ligados uns ao outro por cabos, onde existe também uma “placa mãe”, um país líder, que faz os outros se mexerem.**

#### *Pacientes internos*

Aqui, a pergunta sobre a imagem gerou respostas inesperadas. A primeira fala a interromper o pequeno momento de silêncio em que todos olhavam para a imagem foi a pergunta de um paciente:

**Posso fazer uma pergunta?** (olhando atentamente para a imagem).  
**Vocês estão estudando para pegar pessoas para estudar?**

Foi necessário um acolhimento dessa pergunta para que déssemos continuidade ao exercício, pois todos permaneciam em silêncio, atentos ao colega e à pergunta que ele havia feito. A pergunta que parecia estranha e que causava uma certa insegurança em nós estava relacionada com o que o paciente via no nosso trabalho enquanto olhava a imagem.

Com essa pergunta realizamos uma conversa sobre o estar na universidade hoje, pesquisando imagens para a produção de um saber geográfico. Assim, seguindo o interesse deles e movimentado pela indicação de olhar as imagens, o que surgiu foi motivo para uma conversa interessada. Uma conversa que não cansava o assunto, mas caminhava mais no sentido de um esgotamento, pois esgotar é chegar mais perto do que não está dado e tal pergunta era parte do não dado dessa imagem. E eis que outro participante, olhando atentamente para a imagem, diz o que vê quando olha, acompanhado por outro colega.

**Esse aqui é o planeta 100, esse é o planeta 50 e aquele o planeta 1. Mas o que são esses números? Acho que são as camadas do planeta; Isso é uma pesquisa que fizeram que fala onde eles tem mais tecnologia, e tu vê os Estados Unidos já mais avançado.**

#### *Idosos*

As falas, agora, estavam acompanhadas pelas lembranças dos mapas que viram na escola.

**Aqui é o Brasil** (apontando para a América do Sul), **aqui também eu acho que é o Brasil** (apontando para o continente africano); **Oceano Pacífico, trópico de Capricórnio. Ah, isso me interessa saber, porque meu signo é Capricórnio** (risos). **Não sei, aqui fala dos quatro pontos cardeais, mas a gente que tem pouco estudo não pode dizer muito, se eu tivesse estudado poderia te dizer muita coisa dessa imagem, mas como estudei muito pouco e mesmo que tivesse estudado, hoje também não iria lembrar; Parece a primeira imagem** (Figura 1); **Isso aqui é um mapa ou os oceanos?; Isso aqui é um mapa. Não é um Mapa do Brasil?; Nos meus olhos é um mapa do Brasil, como nós chamávamos. Aqui é um canto** (apontando para um “canto” do

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

mapa), aqui é outro, aqui é um canto de Santa Catarina (apontando para o continente Africano).

#### IMAGEM QUATRO OU DAS TECNOLOGIAS

##### Alunos

Com essa imagem a variação das respostas foi pequena, remetendo sempre à tecnologia e/ou à evolução. Foi preciso pouco tempo para que respondessem. Como em uma aula, aqui os alunos pareciam cansados de estar ali:

**Tecnologia; Eu vejo tecnologia; Eu vejo um avião, celular, notebook e tecnologia; Celular, notebook, avião, pessoas, trem e máquina; Tecnologia;**

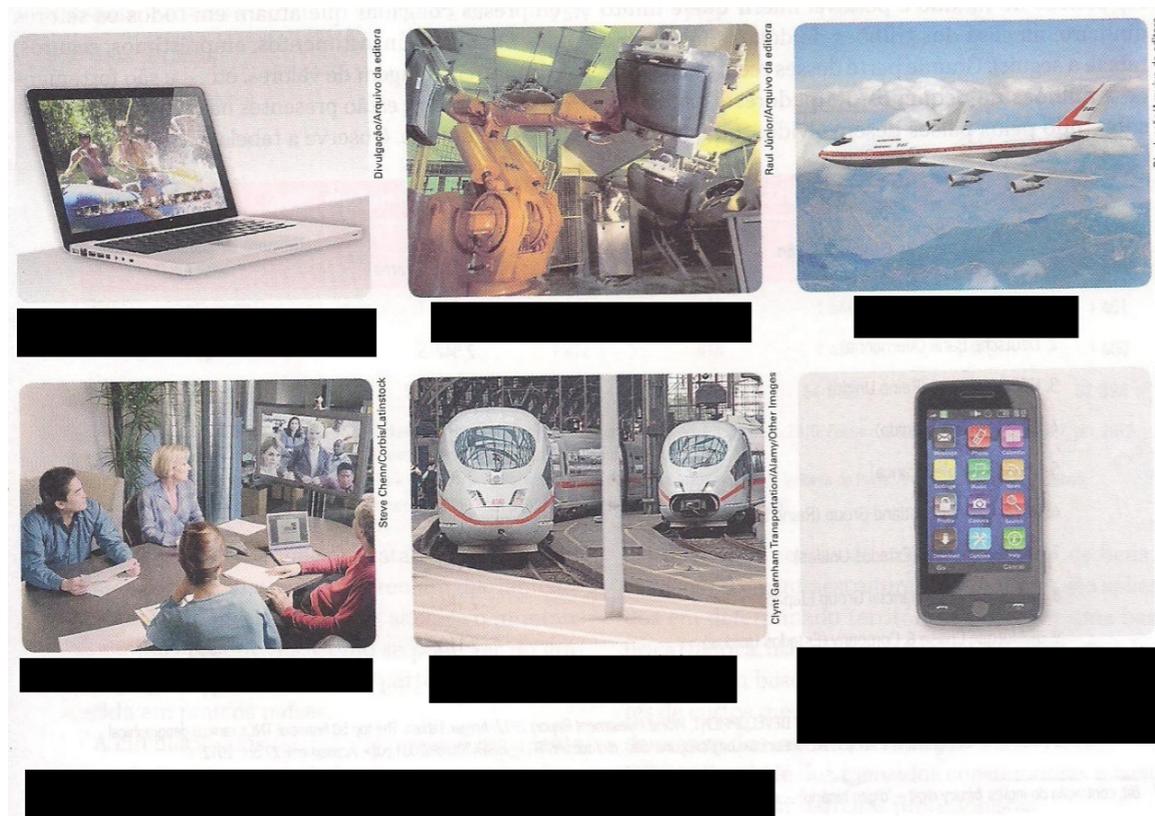


Figura 4 – Imagens que dizem respeito a Revolução Técnico-Científica.  
Fonte: Adaptado de Sene; Moreira (2015).

**Tecnologia; As tecnologias usadas pelo homem; Tecnologia avançada; Vejo a evolução das coisas, por exemplo, um braço mecânico sendo usado para fazer coisas que uma pessoa não consegue; A evolução do mundo pela tecnologia; A evolução do ser humano; Evolução; Eu vejo a tecnologia evoluindo a cada ano; Eu vejo um mundo totalmente moderno, movido por máquinas, que é bom por um lado e ruim por outro; Tecnologia que está ligando o mundo; As formas do mundo ficar conectado; Globalização, o que o avanço da tecnologia pode produzir; Eletricidade; Paisagem.**

##### Pacientes internos

Houve um grande momento de distração do grupo em relação ao que estava sendo proposto. A chegada de outras pessoas para participar do exercício trouxe outros assuntos para a conversa: conversavam sobre suas vidas e sobre o que faziam antes de virem para o hospital. Percebemos, então, que era o momento para renunciar a pergunta recém-feita para essa imagem, pois o interesse deles não passava mais por ela. Nessa vontade de conversar perguntamos: *Vocês já ouviram falar na palavra globalização?* Foi quando, com grande surpresa, ouvimos:

**Já. É quando eles estudam os cometas e quantos planetas tem lá em cima, eu acho que é isso. Se eu errei, errei, não tem problema; Globalização é que nem o filme “The Wall”, do Pink Floyd, aquelas pessoas caindo dentro da máquina de moer e que saíam todas moídas do outro lado, é um tipo de globalização. É massificação. Está interligando tudo, todas as pessoas. Mas não estão se importando se as pessoas**

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

querem ou não querem. Está tudo interligado. A globalização veio para interligar todas as coisas do mundo. A internet foi um salto que deu da globalização. Mas a gente não pode dizer que ela é boa ou é ruim.

Perguntamos a eles se todos têm acesso à internet:

**Não. A minha mãe não tem. Mas a maioria está conectado e, um dia, todo mundo vai estar conectado. É porque tem que pagar, o pobre não consegue. Mas como lançamos um satélite agora pouco, logo todos vão ter acesso; Mas o capitalismo não vive sem a miséria, ele está fazendo um buraco aqui e com a terra que sobra desse lugar ele tampa outro buraco. Precisa de alguém também que mantenha a economia girando, mas necessita de uma quantidade de pobre. Tem uma música do Raul [Seixas] que diz assim: “Gelo em Marte, diz a Viking, mas, no entanto, não há galinha em meu quintal”. Quer dizer, pode a Viking ir até Marte descobrir se tem gelo e aqui não tem galinha no meu quintal para eu comer.**

E essa conversa possibilitada pelo exercício mais uma vez caminhava no sentido de uma noção de esgotamento. Pois como mencionamos anteriormente, esgotar é chegar mais perto do que não está dado na imagem.

*Idosos*

Mesmo sendo a última imagem estavam animados, ao contrário dos alunos. E nesse momento partilhávamos uma mesa de café, com comidas e imagens ao mesmo tempo, e uma conversa empolgada. Uma alegria por estarmos juntos, conquistada aos poucos, tomava conta da conversa. De perguntas e respostas, passamos a uma conversa, misturada com lembranças de algo já vivido em certa porção do espaço. A noção de evolução tecnológica também apareceu aqui, além de muitas outras coisas:

**São coisas do mundo!; Isso aqui é uma reunião, é isso? Aqui (apontando para os trens), eu ia dizer que era a minha fritadeira, porque é parecida (risos). Aqui é um avião. Aqui tem um celular desse tipo de hoje. Aqui é um jeito de um computador; Eu vejo que tem um fusca (apontando para os trens); Para mim é parecido com uma cidade, aqui tem uma casa (apontava para uma das menores imagens), aqui tem outra e aqui é meio parecido com uma rua. Aqui tem quase como um celular, aqui é um avião, aqui quase como uma casa: o sujeito lá sentado, olhando para a rua (imagem da reunião por videoconferência). Aqui parece um bicho do mato, quase que como uma aranha (imagem do robô); Uma Evolução. Nós aqui do interior, que nascemos e vivemos aqui, com a pouca instrução que tivemos, não conseguimos acompanhar a evolução grande que houve. A gente fica encantado! Eu estou com 78 anos, mas como será daqui a 15 anos no nosso país, com a evolução que está tendo, violenta? Porque até 30 ou 40 anos atrás a mudança era muito lenta, a gente acompanhava, a gente via. Agora, nos últimos 20 anos, a evolução foi tão violenta que nós não acompanhamos. E toda essa mudança que ocorre nas máquinas e nas indústrias afeta nossa maneira de viver também. Sim, com certeza. Começa lá pelo desemprego, porque tu sabes que muitas firmas tinham 50 funcionários e aí vem as máquinas modernas e tiram 20 fora. E o que vão fazer esses 20, onde é que vão? Então, para mim, isso complica muito o povo brasileiro, vamos dizer o trabalhador.**

#### O EXERCÍCIO DE LEVAR AS IMAGENS AO ESGOTAMENTO

O exercício ofereceu condições para nos aproximarmos da noção de esgotamento nas imagens, retirando-as do lugar marcado, enquadrado, preenchido pelas referências escolares. Os três encontros

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
 Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

mostram, de uma maneira geral, que o distanciamento da escola é também um distanciamento da moldura, pois essa moldura não estava só na materialidade do título e das legendas, mas naquela do espaço escolar. Na escola, quando solicitada a leitura de seus escritos ouvimos manifestações tímidas, movidas pelo medo de expressar algo em desacordo ao que os participantes supunham ser o esperado, ou mesmo o correto. Essa atitude nos fez pensar na existência de uma noção de certo e de errado para as imagens ou para o que se pode escrever sobre ou a partir delas. Exercitar o que se vê quando se olha mostrava-se um pouco amedrontador aos estudantes. Assim, não nos surpreendeu que as respostas dos estudantes fossem (em grande parte) capturadas no plano representacional-geográfico da própria imagem e no tema globalização, dada a força que a representação tem por meio das imagens. Em razão de sua repetição, os alunos responderam à pergunta feita para a figura 1 algo próximo de: “**planeta Terra, mundo, continentes**”, respostas estas capturadas no plano representacional-geográfico da própria imagem.

As respostas dos idosos e pacientes internos, dada a maior distância temporal e espacial da escola, foram aquelas que mais exploraram de outras formas as imagens, fugindo do tema indicado nas molduras. Isso nos mostra que a vivência fora deste ambiente pode ir aos poucos enfraquecendo o poder da moldura. O poder da imagem de ser vista apenas pela moldura. Eis aí um desafio para o educador em geografia. A ausência dos títulos e legendas tinha um papel menos importante com os internos e os idosos, pois, nesses casos, a familiaridade didática com elas era mínima. Havia, sim, uma familiaridade com o mundo e era nesse contexto que eles olhavam para as imagens: elas estavam sempre em relação a algo do mundo vivenciado por eles. No caso dos idosos existe ainda outro fator: é relativamente recente a abordagem do tema globalização e a maneira de apresentar um tema por meio

das imagens provavelmente não fazia parte do cotidiano escolar há 50 anos (ou mais).

O que pode parecer estranho – a reunião de lugares e pessoas tão distintas – diz de nosso interesse manifesto em trabalhar com as variações em torno de um tema. Foi importante para nosso objetivo percorrer outros contextos e ambientes que apenas o escolar, pois dessa forma pudemos ver o que mantém uma imagem sob o controle da moldura e em que medida a moldura das imagens, ou mesmo a ausência dela, molda o olhar, produzindo o que se vê quando se olha.

Podemos dizer que a repetição destas imagens, dentro das molduras didáticas, faz com que elas e o olhar sobre elas se tornem cansados (ou cansativos). Um cansaço que se expressa em boa parte das respostas: ter apenas realizado o possível, ter visto somente o que foi enquadrado pelas legendas e títulos (ainda que apagados), ter visto só o conteúdo de informação e o que é considerado “correto”. Nesse estado de cansaço, a imagem se resume a função de ilustrar e informar uma realidade dada, por vezes não questionada (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011).

A constante recorrência das mesmas imagens e termos, quase como um mantra, cria uma sensação de realidade e influência na maneira que pensamos o espaço. As imaginações geográficas são poderosas, afirma Massey (2017, p. 37), tendo-se em vista que “operamos o tempo todo [...] com a imaginação de como o mundo está organizado, ou como pode ser organizado em um futuro melhor [...]”, criando efeitos no nosso comportamento. As imagens, porém, também podem servir a outros fins: podem instigar forças que esvaziem um conteúdo de informação, como ficou mais visível no encontro com os pacientes internos e com os idosos. O ambiente escolar funcionou como uma moldura para nossas imagens, mas mesmo ali houve algumas fugas do tema e do plano da representação.

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

Com este exercício, procuramos criar condições para o esgotamento dessas imagens. As palavras, frases e falas dos participantes aproximaram-nas do esgotamento e, algumas vezes, do cansaço. “Ver” além do que está para ser visto na imagem (o que indicam as legendas e títulos, por exemplo) não excluiu a possibilidade de falar em globalização. Um idoso mencionou a situação dos trabalhadores no mundo sob a égide das empresas transnacionais (sem sequer utilizar esses termos) e um paciente apontou para o efeito da massificação. Ambas as respostas foram capturadas no tema globalização, mas suas trajetórias divergiram e as imagens foram pontos de partida desses exercícios e conversas.

A rede foi jogada no mar e o mar é agitado, calmo, transparente, turvo, forte e, ao mesmo tempo, fraco, tal qual os dados produzidos neste exercício com as imagens. Os resultados desta pequena pesca com rede são significativos enquanto expressão das variações. Com este trabalho podemos afirmar que as imagens podem mais do que suas molduras encerram. Como educadores em Geografia, podemos nem perceber que nas páginas dos livros há imagens cheias de possibilidades, agitadas por ondas enormes das forças que constituem o espaço contemporâneo e produzem subjetividades a todo momento. E nem nos damos conta de que as forças escolarizantes produzem as molduras: ‘tal imagem é isso, tal imagem é aquilo... pronto. Mudamos de página.’ E nem percebemos que o assunto nem era mais globalização; que o exercício sobre uma mesa de café já era sobre o modo de se produzir um educador atento às forças que se agitam numa imagem e que interessam diretamente ao saber geográfico na atualidade. É esse o desafio que estamos chamando atenção. O intuito desse trabalho não foi fazer com que as imagens utilizadas na geografia escolar abandonassem sua função comunicativa e representacional pela função criadora. Antes, estamos a favor de uma coexistência, de um algo a mais nas imagens. ☺

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, G. C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, M. O. **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.
- DELEUZE, G. O Esgotado. Trad. Alexandre de Oliveira Henz. Anexo. In: HENZ, A. de O. Estéticas do esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze. 2005. 282 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 15-34.
- LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; MENDONÇA, C. **Território e sociedade no mundo globalizado**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, D. A mente geográfica. **Geographia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, maio 2017.
- OLIVEIRA JR, W. M. de; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA. **Anais...** Goiânia: UFG, 2011. p. 1-9. Disponível em: <https://poesonline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.
- OLIVEIRA JR, W. M. de. A escuta das imagens. **Revista Linha Mestra**, Campinas, n. 29, p. 9-11, maio/ago. 2016.
- OLIVEIRA JR, W. M. de. (Entre)vista com o professor Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior: experiências educativas e a relação com as imagens. [Entrevista concedida a] Cláudio Benito Oliveira Ferraz

“Uma rede jogada no mar”: experiências com imagens da globalização  
Willian Sartor Preve, Ana Maria Hoepers Preve

e Ínia Franco de Novaes. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 183-195, jul./dez. 2015.

PREVE, W. S.; PREVE, A. M. H. Imagens da globalização em livros didáticos de geografia: imagens que podem mais. **Revista Brasileira**

**de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 14, p. 185-199, jul./dez. 2017.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **Geografia geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2015.

Submetido em Julho de 2018.

Revisado em Maio de 2019.

Aceito em Outubro de 2019.